

QUESTÃO 75

Eu poderia concluir que a raiva é um pensamento, que estar com raiva é pensar que alguém é detestável, e que esse pensamento, como todos os outros — assim como Descartes o mostrou —, não poderia residir em nenhum fragmento de matéria. A raiva seria, portanto, espírito. Porém, quando me volto para minha própria experiência da raiva, devo confessar que ela não estava fora do meu corpo, mas inexplicavelmente nele.

MERLEAU-PONTY, M. *Quinta conversa: o homem visto de fora*. São Paulo: Martins Fontes, 1948 (adaptado).

No que se refere ao problema do corpo, a filosofia cartesiana apresenta-se como contraponto ao entendimento expresso no texto por

- A apresentar uma visão dualista.
- B confirmar uma tese naturalista.
- C demonstrar uma premissa realista.
- D sustentar um argumento idealista.
- E defender uma posição intencionalista.

Assunto: Racionalismo

No excerto, o filósofo Merleau-Ponty argumenta que, segundo seu entendimento, o sentimento de raiva não lhe aparece nunca como algo em separado de sua matéria corpórea. O pensador percebe a raiva como um elemento que pertence à dimensão de seu próprio corpo e não como algo que reside em um âmbito ideal ou separado da materialidade. Desse modo, a visão do pensador se contrapõe à teoria dualista cartesiana, que separa o indivíduo em corpo e mente, estabelecendo, assim, uma dicotomia entre as faculdades corpóreas e as intelectuais.

O aluno que optou pela alternativa D não realizou um raciocínio errado, pois essa ideia pertence ao ideal cartesiano, mas, provavelmente, não observou que, no texto-base, o filósofo racionalista/idealista propõe um ideal filosófico que menospreza a realidade corpórea ao indicar que a raiva não poderia residir em nenhum fragmento da matéria; sendo, assim, apenas é uma dimensão espiritual, mental. Ora, essa construção argumentativa é caracterizada pela visão dualista, característica indelével de sua filosofia.

Item: A